



O CAMINHO DIALÓGICO DO ENSINO REMOTO NA CONSTRUÇÃO DE AUTONOMIA EM TEMPO DE PANDEMIA

Adelson Silva da Costa¹

Maria da Conceição Nascimento Marques²

Eixo – Práticas Educativas

Resumo

O Brasil continua em 2021 sua batalha contra a COVID-19, que trouxe novos desafios, proliferação e milhares de mortes, ainda aliada ao desconhecimento de elementos para auxiliar em uma cura rápida e sua contenção. A ciência, a princípio orienta o uso de máscara, manter distanciamento social entre outras higienizações. O pânico nos toma, tremores existenciais. A ordem é fechar toda cadeia produtiva, inclusive a intelectual – as escolas. Diante deste quadro sombrio, justifica pensar em novas estratégias pedagógicas para que o fechamento da escola não traga danos maiores do que já se conhece especificamente na escola pública. A proposta aqui não é tratar dos aspectos econômicos da pandemia, mas dos seus impactos pedagógicos diante de mudanças em relação às escolas públicas com a introdução de aulas remotas, desafiamos a traçar novas experiências formacionais em meio digital, novas pontes dialógicas para re-existir e não deixar que o paciente “escola pública” entre em colapso. O lócus da pesquisa é o Colégio Estadual da Polícia Militar – Dendezeiros, nas aulas remotas de Sociologia, no segundo ano do Ensino Médio com 10 alunos (as). O objetivo da pesquisa é identificar possibilidades formacionais para jovens da educação básica, no Ensino Médio, no cenário pandêmico, através da pedagogia do diálogo e do caminho interpretativo da fenomenologia. Nesta jornada os interlocutores serão o filósofo da hermenêutica alemã Hans-Georg-Gadamer e o pensador brasileiro da educação Paulo Freire, através do percurso metodológico da fenomenologia e da pedagogia do diálogo, com resultados positivos na construção da autonomia pelos estudantes na prática pedagógica das aulas remotas.

Palavras-chave: Diálogo. Aula Remota. Prática

¹Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC); adelsongeotec@hotmail.com.

²Secretaria de Educação de Salvador (SMED); Mestre em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação (GESTEC-UNEB); marquesconceicao65@gmail.com.

Introdução

O Brasil da pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2021 mostra com mais clareza problemas gritantes em Educação e mais especificamente sobre o Ensino Médio que é profundamente desigual entre as regiões, um dos fatores para termos níveis de instrução, oficialmente, como desqualificado. Alguns dados são imprescindíveis para nosso diálogo. A frequência de estudantes à rede pública predominava na educação básica, sendo 73% na Educação Infantil, 83,4% no Fundamental e 85,8% no Médio. Já no ensino superior (graduação), 74,3% dos/as estudantes frequentavam a rede privada.

Apesar do constante aumento do número de matrículas no Nordeste e da redução no Sudeste, para o mesmo grupo etário os índices eram, respectivamente, 33,1% e 76,3%, o recorte étnico-racial apenas 37,4% da juventude negra acessava o Ensino Médio, contra 58,4% da branca. Entre os que vivem no campo, 27% frequentavam o Ensino Médio, contra 52% da área urbana. Entre as mulheres, 49,5% tinham alcançado o Ensino Médio completo e entre os homens, 45,0%, proporção que aumentara, respectivamente, 1,3% e 1,1%, entre 2017 e 2018 (PNAD, 2018).

A qualidade do ensino, aferida por avaliação nacional e internacional, também é marcada pelas desigualdades. No IDEB (2018) o estado da Bahia se posicionou em último lugar entre os estados brasileiros, com índice de 3,0. Considerando que a escala é de 0 a 10, constata-se que o discurso oficial é de que o nível de aprendizagem é insatisfatório para todos, mas é inferior nas escolas públicas da Bahia.

Estes dados alarmantes, associados à falta de tecnologias digitais e internet nas escolas e residências de estudantes de baixa renda aprofundam a crise da educação, esta que ficou evidente durante o ano de 2020 em decorrência da pandemia (COVID-19). Um ano sem aulas em escolas públicas, mesmo com a possibilidade de aulas remotas, esta foi descartada pelo desnível social e impossibilidade de acesso aos meios digitais necessários por parte dos estudantes.

Já no ano de 2021, as escolas do estado da Bahia, oficialmente, iniciam com aulas remotas, devido a investimentos, mesmo que poucos, em tecnologias digitais.

É neste cenário que esta pesquisa emerge, a partir da prática pedagógica, pois com o advento das aulas remotas a linguagem e o diálogo foram re-construídos como possibilidades

equitativas de aprendizado. Já havia uma crise dialógica na educação que se acirrou na pandemia, como nos disse o filósofo alemão Gadamer (2015):

Está desaparecendo a arte do diálogo? Não observamos na vida social de nosso tempo uma crescente monologização da conduta humana? É um fenômeno geral de nossa civilização que se relaciona com seu modo de pensar técnico-científico? Ou são certas experiências de auto-alienação e solidão do mundo moderno as que calam os jovens? Ou é um decidido rechaço a toda vontade de consenso e à rebelião contra o falso consenso, reinante a vida pública, a que chamam incapacidade para o diálogo? (GADAMER, 2015, p. 244).

O diálogo apresenta a força da fala, tecnologia abandonada muitas vezes e necessária no espaço digital e virtual. Ficou evidente esta incapacidade nas aulas remotas, pois os professores não estavam aptos para aulas digitais em rede, mesmo tendo curso de capacitação em tecnologias digitais, muitos não tinham maquinário para esta ação, reinventando e se reinventando estes mestres da educação criaram táticas para seu fazer pedagógico, pois

Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer se ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. (FREIRE, 1997, p. 77).

A proposta dialógica pode soar como algo natural ou até próprio do fazer pedagógico, mas observamos em nossos estudos anteriores (COSTA, 2017) que há um empobrecimento das relações dialogantes na educação, esta que deveria ser condição humana do ser social que busca transformar e re-construir o mundo com a educação, tendo o diálogo como proposta de um mundo mais humanizado e solidário.

A proposta Gadameriana de uma hermenêutica do diálogo nos direciona para propor uma educação em que as linguagens se encontrem, se toquem e se compreendam. Linguagens que se dialoguem, e possam produzir o educativo por uma ética da solidariedade formativa.

Deste modo enunciando uma destas táticas, que nosso texto conversa com a experiência dialógica de um professor da rede e 10 estudantes do 2º ano do Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar da Bahia (CPM/Dendezeiros).

Neste desafio nos interrogamos: como a hermenêutica filosófica do diálogo pode se constituir em potente experiência pedagógica no ensino remoto? Esta questão inquieta o professor, que vislumbra nas experiências, nos diálogos, solidariedades e vivências potentes construtos humanos para constituição de pedagogias do (nós) sem o monólogo que mergulhou

a educação, sem a hierarquia que exclui o estudante do protagonismo em sua formação, qualificado por Freire (1997, p. 59) de “educação” “bancária”.

A partir desta narrativa o trabalho objetiva identificar, através da pedagogia do diálogo, novas possibilidades formativas para os jovens da educação básica, no Ensino Médio, do CPM/ Dendezeiros.

Metodologia

O caminho metodológico ocorre através da fenomenologia existencial/hermenêutica e a pedagogia do diálogo, onde o fenômeno se revela e desvela na ação implicada e dialógica do pesquisador, que busca em sua colheita interpretar o mundo já interpretado pelos sujeitos sociais, este mundo da vida que é fruto da existência e da experiência que se constrói na vivência cotidiana com o outro.

Há perspectiva para propor novas possibilidades para a educação, principalmente em tempos de crises tão danosas, então o caminho passa a ser o diálogo, o ouvir, na compreensão das interpretações diversas diante do contexto, dos problemas e das possíveis soluções, porque “A dialogação implica numa mentalidade que não floresce em áreas fechadas, autarquizadas. Estas, pelo contrário, constituem um clima ideal para o antidiálogo.” (FREIRE, 2007, p. 77). Em outro espaço que não presencial também foi possível quebrar a hierarquização entre educador e educando, pelo diálogo.

Resultados e Discussão

Esta pesquisa foi desenvolvida tendo 10 alunos do 2º ano do Ensino Médio como coautores, sendo que foram criadas algumas redes sociais (Instagram, WhatsApp) para publicizar as aulas e construir o diálogo com os estudantes, onde diariamente eram postadas informações formativas de diversos temas contemporâneos, ainda fizemos “lives” com professores convidados abordando temas relacionados com a crise atual decorrente da COVID-19, bom destacar que os palestrantes eram ex-alunos da escola, assim potencializamos as aulas formais e invadimos o ciberespaço com produções que atingem um público maior que o da escola e abriga as linguagens da geração “Z”, bom alvitre destacar que os estudantes administravam essas redes sociais e produziam conteúdos, com reuniões on-line (google meet) com o professor e as decisões eram tomadas de forma democrática.

A partir dos sentidos percebidos em relação à ausência de instrumentos, materiais e plataformas digitais, podemos compreender que as aulas remotas em escola pública, se constituem trabalhos “Hercúleos” para professores, em especial para discentes do Ensino Médio, que vivenciam desafios ímpares nesta fase da vida, como pensar e buscar lugar no “mundo do trabalho” ou aprovação na universidade.

A pesquisa apresenta resultados positivos, até o primeiro semestre de 2021, a partir dos diálogos construídos com os jovens acerca da dinâmica das aulas. Buscamos o diálogo, a solidariedade e a exclusão de toda “prática bancária” nas aulas, pois compreender o outro é pensar em nós e juntos poderemos transcender do formacional para o formativo na caminhada. Os jovens acolheram a proposta de diálogo e autonomia, as médias (notas) foram a contento, mesmo com todas as nuances de usar tecnologias digitais em precária condição, o que foi provado em relatos e na própria experiência do professor com estes aparatos digitais.

Deste modo, a fundamentação em Gadamer e Paulo Freire mostra a relevância do diálogo, a solidariedade e a exclusão de toda “prática bancária” nos estudos, pois compreender o outro é pensar em NÓS e como juntos poderemos transcender do formacional para o formativo em nossa caminhada.

Resulta destes estudos que o caminho dialógico e solidário traz outros movimentos à educação, revela nosso ser colaborativo e faz florescer o sentimento que “anda fora de moda” em um mundo contemporâneo erguido sob a égide do capitalismo - o sentimento de cuidado – pois aproxima os sujeitos partícipes. A educação deve ter como princípio, cuidar e desejar que o outro esteja bem e feliz para buscar seu pertencimento no mundo da vida.

Conclusões

A educação não é ciência, pois ela ultrapassa os limites científicos, sua construção vai além do método, das certezas e verdades científicas, condição existencial humana que embalada pelo diálogo pode sim formar seres humanos mais éticos, solidários e que buscam uma sociedade mais harmônica e equitativa.

Pensamos estes elementos da condição humana que tem seu sentido na existencialidade do mundo da vida pode movimentar para a educação pós-pandemia que paulatinamente vá descaracterizando os números que apontam a escola pública como “desqualificada”, afirmamos neste texto a necessidade de novos diálogos e solidariedades na escola. A pedagogia do diálogo

e a fenomenologia/hermenêutica trazem novos diálogos formativos nas aulas remotas entre professores e estudantes do Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de amostra por domicílio contínua – PNAD Contínua**. Brasília: IBGE, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **IDEB – Resultados e Metas**. Brasília: MEC, 2018.

COSTA, Adelson Silva da. **Vivências e Experiências de Educação Científica: saberes em construção nos Colégios da Polícia Militar em Salvador/Ba**. Salvador: UNEB, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GADAMER, H-G. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2015.